

# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SOBRE ACCIDENTS POLITICO.

*Illic se vivere modum nostri novere libet;  
Parcere personis, dicere de vitiis.*  
Martial. Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Cada hum defende a sua profissão.*

Não he só na classe das pessoas indolentes, que se encontram os prejuizos de profissão: entre os mesmos sabios lavra huma prevenção, que offende ao progresso das Sciencias, e lhe diminue o preço para com muitas pessoas, que não tendo bastante penetração para extremar a verdade da mentira, deixão-se atear d'alguns discursos capciosos. Quasi todos os sabios, já para inveja, já por capricho, já por amor proprio, já por preocupação finalmente blazonão de desprezar as disciplinas, a que senão tem dedicado, parecendo não dar apreço, se não aos estudos a que se applicarão. D'aqui o Geometra despreza o Orador; o Orador tem em menos preço ao Phisico; o Poeta não faz caso do Historiador, e este concidera a todos trez por pessoas de mui pouco merito. O Jurista olha com piedade para quantos se não applicão unicamente ás Sciencias Juridicas, e Sociaes; o Theologo finalmente julga-se muito sabranceiro a quantos se não dedicão á Theologia, e

todos os mais Sabios, e Litteratos conspirão contra elle, e o regalão á porfia com o titulo nado honroso de pedante.

No entender do Geometra a Poesia he hum entretenimento frivolo, que não serve nem para o bem do Estado, nem para o dos particulares; he applicação de homem vadio, que não esclarece o espirito, nem torna melhor o coração, pelo contrario ordinariamente estraga a ambos. Para elle os Poetas são huns madraços, que se avezão a huma linguagem affectada, a expressões figuradas, a termos exquisitos: elles se entregão a ideias monstruosas, a que dão o epitheto de sublimes, e a hum engrimação poetico, que se chama enthusiasmo, o qual cifra-se na inchação de palavras, e no desarranjo das ideias simples.

Com quanto mui pouco sensato pareça este juizo a respeito da Poesia; he com tudo o juizo dos trez quartos dos Mathematicos. Quasi todos vão de accordo com o celebre Pascal, espirito eminentemente Mathematico, que diz em os seus Pensamentos o seguinte: "Não se sabe em que consiste o delei-

te, objecto da Poesia; não se sabe qual he esse modelo, que se deve imitar; e em falta deste conhecimento inventá-ram-se certos termos extravagantes, que nada significão; como *Seculos de ouro, maravilha dos nossos dias: loureiro fatal, bello Astro*, &c. Chamão a este engrimanso belleza poetica: mas quem imaginar humna mulher, actaviada por esse modello, verá humna linda senhora toda coberta de espelhos, e de perendengues de latão. ”

Os Poetas, e os homens d'engenho desforrão-se dos Mathematicos, e nada lhes ficão devendo. Elles os tem por homens destituídos de fantasia, faltos de urbanidade, e finalmente por verdadeiras machinas de calculo. O Abbade Cartaud de la Vilate no seu *Ensaio sobre o Gosto* julga a Fontenelle hum prodigio por ter podido betar a rusticidade, e dureza das Mathematicas com a doçura, e graças das Boas Letras. Hum Geometra, diz elle, he ordinariamente hum boi. Saint-Evremond não os estimava mais, do que este, asseverando, que em nada invejava os seus conhecimentos, e menos a sua amizade.

O Orador menoscaba igualmente ao Geometra, e ao Poeta; por que o primeiro he destituído de espirito, e o segundo só se adorna de fufalhadas. O Geometra, diz elle, he bordalengo, pesado, insipido, e util à sociedade pelos seus calculos, assim como o he ao publico o cavallo, que faz girar a atafona. O Poeta só secreia a vadias, só agrada sem instruir, e he quasi synonymo de doudo. Pelo contrario o Orador serve-se da eloquencia para socorrer a viuva, e o orfão, para defender a gloria da Patria, como fizeram os Demosthenes, e Ciceros, para estabelecer, e sustentar com energia as eternas, e proficuas verdades da Religião, o que praticão excellentemente os Bourdalones, os Massillons, os La Raes, os Bossuets, os Flechiers, &c.

O Historiador da sua parte faz a po-

da ao Orador, dizendo, que este ordinariamente não he mais, do que hum impostor destro, que sabe ataviar a mentira com os adornos da verdade. Lá salta pela proa a todos o Juris-consulito, assegurando, que não deve haver outro estudo, se não o das Leis sociaes, e que quem não tem hum gran Academico em as materias de Direito, apenas se distingue dos brutos; por que anda sobre dous pés. O Theologo pede meças a todos, e sustenta, que só se deve estudar Theologia, entre tanto que o Philosopho olha para elle com piedoso despreso.

Taes são os sentimentos oppostos dos Litteratos a respeito das Sciencias, de maneira que se o Publico os julgasse pelo que elles dizem ordinariamente, despresaria a todos por sua propria confissão. O mesmo acontece com as diferentes profissões da Sociedade. O Agricultor quer, que a agricultura fique a cima de todos; o Commerciante já despreza o Agricultor; o Magistrado entende, que só elle tem presbicio na Sociedade; o Padre sustenta, que está a cima de todas as classes, e o Medico tem a presumpção de ser o unico homem verdadeiramente Encyclopedico, &c. &c.

Nunca leio, ou ouço taes contestações, que me não recorde a bellissima Scenea dos Mestres do Pão Fidalgo de Moliere: e tão a proposito a julgo, que peço venia a meus respeitaveis leitores para aqui a traduzir. Pallão o Mestre de Musica, o Mestre de Dança, e o Sr. Jordão, que he o Pão Fidalgo, que tomou a mania de aprender tudo, depois que se enthusiasinou de nobre.

Sr. Jordão.

Eu aprenderei a Musica: mas não sei, que tempo me restará; por que além do Mestre d'armas, tenho assentado de tomar outro de Philosophia, que deve começar a instruir-me esta manhã.

Mestre de Musica.

A Philosophia alguma coisa he; por-  
rêm a Musica, Snr., a Musica!....

Mestre de Dança.

A musica, e a Dança!... Musica, e  
Dança são tudo, que he preciso.

Mestre de Musica.

Nada há tão util ao Estado, como a  
Musica.

Mestre de Dança.

Não há coisa tão necessaria ao ho-  
mem, como a Dança.

Mestre de Musica.

Sem Musica não pode subsistir hum  
Estado.

Mestre da Dança.

O homem nada pode fazer sem a  
Dança.

Mestre de Musica.

Todas as desordens, todas as guerras,  
que vemos no mundo não acontecem,  
se não por falta de se aprender a Mu-  
sica.

Mestre de Dança.

Todas as desgraças dos homens, to-  
dos os males, de que estão cheias as  
Historias, os erros dos Politicos, as fal-  
tas dos Grandes Capitães, tudo provem  
de se não saber dançar.

Snr. Jordão.

Como assim?

Mestre de Musica.

A guerra não nasce de falta de união  
entre os homens?

Snr. Jordão.

He verdade.

Mestre de Musica.

E se todos os homens aprendessem a  
Musica, não seria este o meio de se  
congruarem, e de vermos no mundo  
a paz universal?

Snr. Jordão.

Tem toda a razão.

Mestre de Dança.

Quando hum homem comette qual-  
quer falta em seu proceder, quer em  
os negocios de familia, quer em o go-  
verno d'hum Estado, ou em o comman-  
do d'hum exercito, não diz sempre —

Fulano deu hum mau passo em tal ne-  
gocio?

Snr. Jordão.

Assim se diz.

Mestre de Dança.

E dar hum mau passo que ontra  
coisa he, do que não saber dançar?

Snr. Jordão.

He verdade; ambos tem razão.

Felizmente o Publico não toma parte  
em toas parcialidades. Elle aproveita os  
talentos, e dá a cada hum o que lhe he  
devido. Louva o merito onde o encon-  
tra, colhe beneficio do que he util,  
gosta do agradável, e deixa, que cada  
hum tome a presumpção que lhe pare-  
cer; por que os defeitos dos Philosophos,  
dos Oradores, dos Juri-consultos, dos  
Historiadores, dos Theologos, dos Poetas  
não devem correr por conta da Philoso-  
phia, da Oratoria, da Jurisprudencia, da  
Historia, da Theologia, e da Poetica. De  
muitos modos se pode servir á Socieda-  
de, e o que importa he, que todos se-  
jamos justos, e que não faltemos aos  
nossos deveres.

### *Continuação das Maximas do Marquês de Maricá.*

Não haveria historia mais insipida, e  
insignificante, que a dos homens, se  
todas tivessem juizo.

Quem não pôde, ou não sabe accu-  
mular nunca chega a ser sabio, nem  
rico.

O estudo confere sciencia, mas a me-  
ditação originalidade.

He necessario sobir muito alto para  
lem de continuar as illuções, e angustias  
d'ambição, poder, e soberania.

As revoluções politicas são ordinari-  
amente, como os terremotos: destrô-  
em, mas não edificão.

Os Governos fracos fazem fortes os



ambiciosos, e insurgentes;

Ninguém he mais adulado, que os tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros, que o amor.

( Continuar-se-há. )

### VARIEDADE.

Como toda a variedade deleita, segundo diz o antigo Prologoio; e huma grande parte dos meus calandissimos Leitores gosta das chalaças, aqui lhes appresento hum Mote glozado em quatro Decimas, que para este fim me enderessou certo curioso de Poesia, cujo nome me pedio, deixasse no tinteiro.

Certas Meninas d'agora.

Não possuem hum só vintem;  
Ellas ao luxo não faltão,  
Eu não sei d'onde lhes vem.

Gloza.

Já não me posso calar,  
Vendo tantas Senhoritas  
Com sedas, galas, e fitas  
Sem terem com que passar.  
Confesso, que no trajar  
Não sei distinguir por ora  
A pelintra da Senhora:  
Por certo, que causa espanto  
O ver como ganhão tanto  
Certas Meninas d'agora.

Os lucros d'huma mulher,  
Que se porta honestamente,  
Mal podem escassamente  
Chegar-lhe para comer.  
Não sei por tanto entender,  
Como podem vestir bem,  
Ir a theatros tambem,  
E distinguir-se em vaidade  
Meninas, que na verdade  
Não possuem hum só vintem.

Apenas vem moda nova,  
Ainda sendo mui cara,  
No preço não se repara,  
Se a gamenhice a approva.

No qu'a modestia reprova  
Cuidão ellas, que s'exaltão,  
Com arte os restos esmaltão  
De cores não naturaes;  
E embora falte o mais,  
Ellas ao luxo não faltão.

Falte a honra, falte tudo,  
A garridice não deixão,  
E do mundo inda se queixão  
Por não ser cego, nem mudo.  
Pois qu'homem serio, e sisudo  
Poderá levar a bem  
As relaxações, qu'ellas tem  
Com tanto rapoz matreiro?  
Se d'aqui não súa dinheiro,  
Eu não sei donde lhes vem.

### Anecdotas.

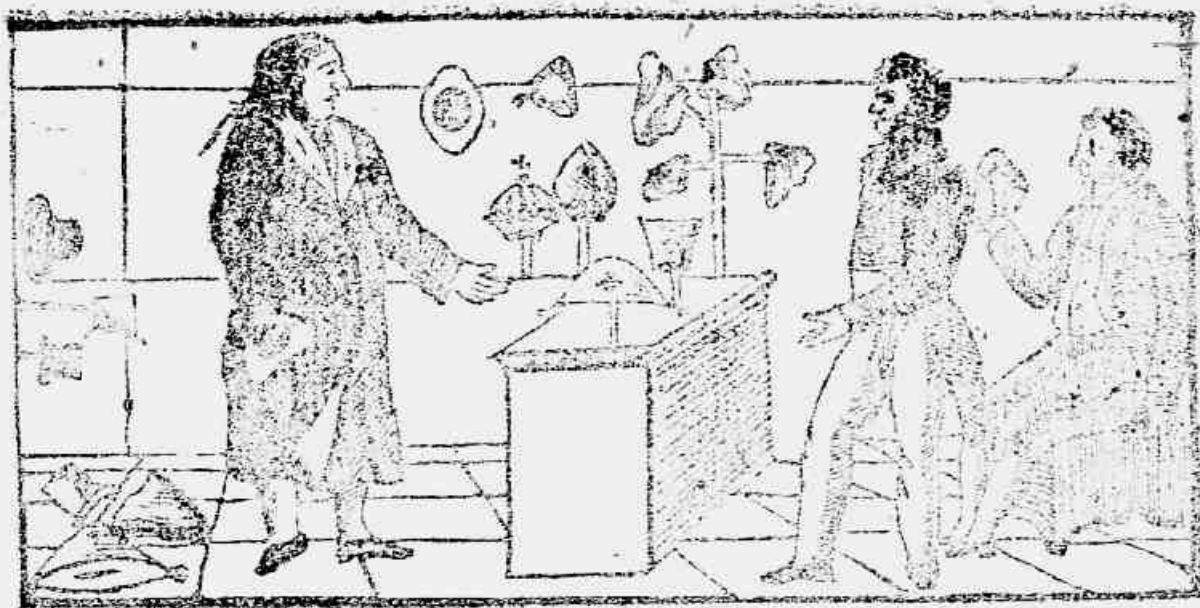
Certo fidalgo muito avarento viajava com seu filho, e não se arranchava, se não em os castellos, que encontrava em caminho. Hum dia achando-se o filho á meza com alguns amigos, e tractando-se a respeito de D. Quixote, disse-lhe hum maganão dos da companhia: "Sabe Vm. a differença, que há de seu pai a D. Quixote? He, que este tomava as estalagens por castellos, e seu pai toma os castellos por estalagens."

Outra.

Hum sujeito, cuja avareza era bem conhecida, blasonava de haver perdido ao jogo huma somma consideravel sem proferir huma só palavra. "Não me admira, disse certo maganão; por que as grandes magoas costumão a ser mudas."

Outra.

Hum cego tinha huma mulher, a quem muito amava, a pesar de lhe dizerem, que era horriavelmente feia. Appareceo hum Medico estrangeiro, promettendo restituir-lhe a vista: mas o homem recusou, dizendo, que se visse, talvez perdesse o amor á sua esposa, e o amor que era toda a sua felicidade.



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SEMPER ACCIDENS POLITICO.

*Hanc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marsialis lib. 10. Sat. 53.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Cada hum defende a sua profissão.*

Não he só na classe das pessoas indolentes, que se encontram os prejuizos de profissão: entre os mesmos sabios ha uma prevenção, que offende o progresso das Sciencias, e lhe diminua o preço para com muitas pessoas, que não tendo bastante penetração para extrahir a verdade da mentira, deixão-se atear d'alguns discursos capciosos. Quasi todos os sabios, já para inveja, já por capricho, já por amor proprio, já por preocupação finalmente blazonão de desprezar as disciplinas, a que se não tem dedicado, parecendo não dar aprecio, se não aos estudos a que se applicarão. D'aqui o Geometra despreza o Orador; o Orador tem em menos preço o Physico; o Poeta não faz caso do Historiador, e este considera a todos trez por pessoas de mui pouco merito. O Jurista olha com piedade para quantos se não applicão unicamente ás Sciencias Juridicas, e Sociaes; o Theologo finalmente julga-se muito sabranço a quantos se não dedicão á Theologia, e

todos os mais Sabios, e Litteratos conspirão contra elle, e o regalão á porfia com o titulo nada honroso de pedante.

No entender do Geometra a Poesia he hum entretenimento frivolo, que não serve nem para o bem do Estado, nem para o dos particulares; he applicação de homeni vadio, que não esclarece o espirito, nem torna melhor o coração, pelo contrario ordinariamente estraga a ambos. Para elle os Poetas são huns madraços, que se averão a hum linguagem affectada, a expressões figuradas, a termos exquisitos: elles se entregão a ideias monstruosas, a que dão o epitheto de sublimes, e a hum engrimação poetico, que se chama enthusiasmo, o qual cifra-se na inchação de palavras, e no desarranjo das ideias simples.

Com quanto mui pouco sensato pareça este juizo a respeito da Poesia; he com tudo o juizo dos trez quartos dos Mathematicos. Quasi todos vão de accordo com o celebre Pascal, espirito eminentemente Mathematico, que diz em os seus Pensamentos o seguinte: "Não se sabe em que consiste o deli-

te, objecto da Poesia; não se sabe qual he esse modelo, que se deve imitar; e em falta deste conhecimento inventá-  
rão-se certos termos extravagantes, que nada significão; como *Seculos de ouro, maravilha dos nossos dias: loureiro fatal, bello Astro*, &c. Chamão a este engrunanso belleza poetica: mas quem imaginar hum mulher, actaviada por esse modello, verá hum linda senhora toda coberta de espelhos, e de perendengues de latão. ”

Os Poetas, e os homens d’engenho desforão-se dos Mathematicos, e nada lhes ficão devendo. Elles os tem por homens destituídos de fantasia, faltos de urbanidade, e finalmente por verdadeiras machinas de calculo. O Abbade Cartaud de la Vilate no seu *Ensaio sobre o Gosto* julga a Fontenelle hum prodigio por ter podido betar a rusticidade, e dureza das Mathematicas com a doçura, e gracios das Boas Letras. Hum Geometra, diz elle, he ordinariamente hum boi. Saint-Evremond não os estimava mais, do que este, asseverando, que em nada invejava os seus conhecimentos, e menos a sua amizade.

O Orador menoscaba igualmente ao Geometra, e ao Poeta; por que o primeiro he destituído de espirito, e o segundo só se adorna de farfalhadas. O Geometra, diz elle, he bordalengo, pesado, insipido, e util á sociedade pelos seus calculos, assim como o he ao publico o cavallo, que faz girar a atafona. O Poeta só recreia a vadios, só agrada sem instruir, e he quasi synonymo de doado. Pelo contrario o Orador serve-se da eloquencia para socorrer a viuva, e o orfão, para defender a gloria da Patria, como fizeram os Demosthenes, e Ciceros, para estabelecer, e sustentar com energia as eternas, e proficuas verdades da religião, o que praticarão excellentemente os Bourdaloues, os Massillons, os La Rues, os Bossuets, os Flechiers, &c.

O Historiador da sua parte faz a pe-

da ao Orador, dizendo, que este ordinariamente não he mais, do que hum impostor destro, que sabe ataviar a mentira com os adornos da verdade. Lá salta pela proa a todos o Juris-consulto, assegurando, que não deve haver outro estudo, se não o das Leis sociaes, e que quem não tem hum grau Academico em as materias de Direito, apenas se distingue dos brutos; por que anda sobre duas pés. O Theologo pede meças a todos, e sustenta, que só se deve estudar Theologia, entre tanto que o Philosopho olha para elle com piedoso despreso.

Taes são os sentimentos oppostos dos Litteratos a respeito das Sciencias, de maneira que se o Publico os julgasse pelo que elles dizem ordinariamente, despresaria a todos por sua propria confissão. O mesmo acontece com as diferentes profissões da Sociedade. O Agricultor quer, que a agricultura fique a cima de tudo; o Commereiante já despreza o Agricultor; o Magistrado entende, que só elle tem prestimo na Sociedade; o Padre sustenta, que está a cima de todas as classes, e o Medico tem a presumpção de ser o unico homem verdadeiramente Encyclopedico, &c. &c.

Nunca leio, ou ouço taes contestações, que me não recorde a bellissima Scena dos Mestres do Peão Fidalgo de Molieri: e tão a proposito a julgo, que peço venia a meus respeitaveis Leitores para aqui a traduzir. Fallão o Mestre de Musica, o Mestre de Dansa, e o Sr. Jordão, que he o Peão Fidalgo, que tomou a mania de aprender tudo, e depois que se entusiasmou de nobre.

Sr. Jordão.

Eu aprenderei a Musica: mas não sei, que tempo me restará: por que além do Mestre d’armas, tenho assentado de tomar outro de Philosophia, que deve começar a instruir-me esta manhã.



Mestre de Musica.

A Philosophia alguma coisa he; por-  
rêm a Musica, Sr., a Musica!....

Mestre de Dança.

A musica, e a Dança!... Musica, e  
Dança são todo, que he preciso.

Mestre de Musica.

Nada há tão util ao Estado, como a  
Musica.

Mestre de Dança.

Não há coisa tão necessaria ao ho-  
mem, como a Dança.

Mestre de Musica.

Sem Musica não pode subsistir hum  
Estado.

Mestre da Dança.

O homem nada pode fazer sem a  
Dança.

Mestre de Musica.

Todas as desordens, todas as guerras,  
que vemos no mundo não acontecem,  
se não por falta de se aprender a Mu-  
sica.

Mestre de Dança.

Todas as desgraças dos homens, to-  
dos os males, de que estão cheias as  
Historias, os erros dos Politicos, as fal-  
tas dos Grandes Capitães, tudo provém  
de se não saber dançar.

Sr. Jordão.

Como assim?

Mestre de Musica.

A guerra não nasce de falta de união  
entre os homens?

Sr. Jordão.

He verdade.

Mestre de Musica.

E se todos os homens aprendessem a  
Musica, não seria este o meio de se  
congrassar, e de vermos no mundo  
a paz universal?

Sr. Jordão.

Tem toda a razão.

Mestre de Dança.

Quando hum homem comette qual-  
quer falta em sua proceder, quer em  
os negocios de familia, quer em o go-  
verno d'hum Estado, ou em o comman-  
do d'hum exercito, não diz sempre --

Fulano deo hum mau passo em tal ne-  
gocio?

Sr. Jordão.

Assim se diz.

Mestre de Dança.

E dar hum mau passo que outra  
coisa he, do que não saber dançar?

Sr. Jordão.

He verdade; ambos tem razão.

Felizmente o Publico não toma parte  
em taes parcialidades. Elle aproveita os  
talentos, e dá a cada hum o que lhe he  
devido. Louva o merito onde o encon-  
tra, colhe beneficio do que he util,  
gosta do agradável, e deixa, que cada  
hum tome a presumpção, que lhe pare-  
cer; por que os defeitos dos Philosophos,  
dos Oradores, dos Juriscon-sultos, dos  
Historiadores, dos Theologos, dos Poetas  
não devem correr por conta da Philoso-  
phia, da Oratoria, da Jurisprudencia, da  
Historia, da Theologia, e da Poetica. De  
muitos modos se pode servir á Socieda-  
de, e o que importa he, que todos se-  
jam justos, e que não faltemos aos  
nossos deveres.

### *Continuação das Maximas do Marquez de Maricá.*

Não haveria historia mais insipida, e  
insignificante, que a dos homens, se  
todos tivessem juizo.

Quem não pôde, ou não sabe accu-  
mular nunca chega a ser sabio, nem  
rico.

O estudo confere sciencia, mas a me-  
ditação originalidade.

He necessario subir muito alto para  
tem de continuar as illu õ s, e angustias  
d'ambição, poder, e soberania.

As revoluções politicas são ordinari-  
amente, como os terremotos: destrô-  
em, mas não edificação.

Os Governos fracos fazem fortes os

ambicipsos, e insurgentes.

Ninguém he mais adulado, que os tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros, que o amor.

( Continuar-se-há. )

### VARIEDADE.

Como toda a variedade deleita, segundo diz o antigo Prologoio; e huma grande parte dos meus colendissimos Leitores gosta das chalacas, aqui lhes appresento hum Mote glozado em quatro Decimas, que para este fim me enderessou certo curioso de Poesia, cujo nome me pedio, deixasse no tinteiro.

Certas Meninas d'agora.

Não possuem hum só vintem;  
Ellas ao luxo não faltão,  
Eu não sei d'onde lhes vem.

Gloza.

Já não me posso calar,  
Vendo tantas Senhoritas  
Com sedas, galas, e fitas  
Sem terem com que passar.  
Confesso, que no trajar  
Não sei distinguir por ora  
A pelintra da Senhora:  
Por certo, que causa espanto  
O ver como ganhão tanto  
Certas Meninas d'agora.

Os lucros d'huma mulher,  
Que se porta honestamente,  
Mal podem escassamente  
Chegar-lhe para comer.  
Não sei por tanto entender,  
Como podem vestir bem,  
Ir a theatros tambem,  
E distinguir-se em vaidade  
Meninas, que na verdade  
Não possuem hum só vintem.

Apenas vem moda nova,  
Ainda sendo mui cara,  
No preço não se repara,  
Se a gamenhice a approva.

No qu'a modestia reprova  
Cuidão ellas, que s'exaltão,  
Com arte os restos esmaltão  
De cores não naturaes;  
E embora falte o mais,  
Ellas ao luxo não faltão.

Falte a honra, falte tudo,  
A garridice não deixão,  
E do mundo toda se queixão  
Por não ser cego, nem mudo.  
Pois qu'homem serio, e sisudo  
Poderá levar a bem  
As relaxações, qu'ellas tem  
Com tanto rapez matreiro?  
Se d'aqui não sáe dinheiro,  
Eu não sei donde lhes vem.

### Anecdota.

Certo fidalgo muito avarento viajava com seu filho, e não se arranhava, se não em os castellos, que encontrava em caminho. Hum dia achando se o filho á meza com alguns amigos, e tractando-se a respeito de D. Quixote, disse-lhe hum maganão dos da companhia. "Sabe Vm. a differença, que ha de seu pai a D. Quixote? He, que este tomava as estalagens por castellos, e seu pai toma os castellos por estalagens."

Outra.

Hum sujeito, cuja avareza era bem conhecida, blasonava de haver perdido ao jogo huma somma considerável sem preferir huma só palayra. "Não me admira, disse certo magano; por que as grandes magoas costumão a ser mudas."

Outra.

Hum cego tinha huma mulher, a quem muito amava, a pezar de lhe dizerem, que era horriavelmente feia. Appareceo hum Medico estrangeiro, promettendo restituir-lhe a vista: mas o homem recusou, dizendo, que se visse, talvez perdesse o amor á sua esposa, amor que era toda a sua felicidade.